



UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO DIALETO DE SERTANEJOS DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO NORTE

Francisca Luênia da Silva (1); Luiza Isabel Pontes Silva (1); Amanda Virginia Medeiros de Almeida (2); Maria Thayza Silva Campos (3); Prof.^a Dr.^a Rosângela Alves dos Santos Bernardino (4).

*Universidade do Estado do Rio grande do Norte
Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia
pferros.cameam@gmail.com*

RESUMO

É fato incontestável que existem várias maneiras de se falar e que tais manifestações ocorrem em função de fatores associados à identidade dos falantes, à sua origem geográfica e social, à faixa etária, ao gênero, entre outros. Este trabalho tem como propósito analisar as características do dialeto falado por sertanejos do interior do Rio Grande do Norte, tendo como base teórica os estudos de autores filiados à Sociolinguística Variacionista, que é um ramo da Linguística que analisa a relação entre a estrutura e funcionamento das línguas e a estrutura social. Assim, o foco do trabalho concentra-se em descrever e analisar os traços descontínuos e graduais que caracterizam a fala dos sertanejos de nossa região, a partir de um *corpus* coletado do banco de dados do Museu de Cultura Sertaneja (MCS) do CAMEAM/UERN. Acreditamos que essa discussão é importante para praticarmos a pesquisa de natureza qualitativa, no âmbito da Sociolinguística, dando continuidade e aprofundamento a um trabalho desenvolvido no curso de Letras/Português, no quarto período. Além disso, considerando que os dados retratam o uso da língua em um contexto social heterogêneo, essa pesquisa corrobora para a compreensão do objeto de estudo da Sociolinguística e a relação entre língua e sociedade, possibilitando assim um estudo mais reflexivo sobre as variações linguísticas e seu processo de mudança.

PALAVRAS-CHAVE: Fala e escrita, Variedades linguísticas, Traços graduais e descontínuos.

Introdução

A prática da língua pode acontecer de dois modos: seja ela de forma oral, seja ela de forma escrita. No entanto, apesar de ambas apresentarem algumas semelhanças, não podemos atribuí-las um caráter de igualitária e/ou homogeneidade, uma vez que trata de duas formas de comunicação distintas. Enquanto a fala é espontânea e natural, a língua escrita requer do sujeito uma preocupação maior e monitoramento no seguimento de algumas regras como forma de organização da língua. E isso se configura pelo fato de, ao falar, os sujeitos terem que se apropriar de diversos recursos. A escrita, por sua vez, não se caracteriza enquanto particularizada do sujeito ou de um determinado grupo social. Assim, compreendemos que essas duas modalidades, fala e escrita, se complementam, mesmo apresentando modos de organização e funcionamento distintos.

Em nosso país, sabemos que o ensino da língua portuguesa, manteve, por muito tempo, a ideia que o “certo” é falar como se escreve, como se a escrita fosse mais privilegiada do que a pronúncia. Porém, numa direção contrária, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) observam

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

que: “expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é” (BRASIL, 1997, p. 49). E isso implicar dizer que, talvez por reforçar a ideia do certo x errado, por se prender e dar ênfase maior a uma única variedade da língua – no caso, a variedade de prestígio, descrita pela gramática normativa –, a escola acaba efetivando um ensino excludente por não abrir margens para a reflexão sobre outras manifestações linguísticas, sobretudo aquelas que caracterizam o falar de grupos menos favorecidos sócio-economicamente.

Em razão disso, passa a noção de erro em forma de preconceito linguístico. No entanto, o que podemos classificar como “erro”? Bagno (2008, p. 149) argumenta que “ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna”. Segundo ele, “só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, aprendido por meio de treinamento, prática e memorização”. Portanto, o que muitos caracterizam como “erro do Português”, não passa de desvios da ortografia. Para banalizar tal indagação de “erro gramatical” é preciso combatê-lo e, como postula a Sociolinguística, é de suma importância estudar as diferenças existentes, divulgá-las corretamente e averiguá-las, para que sejam consideradas.

Diante desse contexto, Bortoni-Ricardo (2005) assegura que a escola não pode desprezar ou discriminar as diferenças sociolinguísticas, sendo que os professores e, entre eles, os alunos, têm de estar atentos e conscientes de que sempre há duas ou mais modos de dizer a mesma coisa, no mesmo contexto de uso da língua.

Com base na relação existente entre a oralidade e a escrita, na atuação das variações linguísticas, e tendo em vista a necessidade de compreender o funcionamento da língua e o modo como ela é ensinada na escola, este artigo tem o propósito de descrever e analisar os traços descontínuos e graduais em eventos de fala de sertanejos, localizados no município de Doutor Severiano, no interior do Rio Grande do Norte, tendo como fundamentação teórica os conceitos e postulados da Sociolinguística, a partir de autores como Bortoni-Ricardo (2005, 2014), Bagno (2007, 2008), Coelho (2005), entre outros.

O presente trabalho está dividido nas seguintes partes: introdução, onde exibimos a temática de forma direcionadora. Na seção seguinte, a metodologia, em que discorremos sobre os critérios adotados para a efetivação da pesquisa e como a análise foi desenvolvida. Logo mais, a síntese teórica, apresentando de forma sintética os conceitos e princípios da Sociolinguística. Em seguida, a análise dos dados coletados e a discussão sobre cada exemplo recortado do *corpus*. E depois, nas

considerações finais, apontaremos os resultados alcançados na análise do trabalho, destacando as contribuições do estudo.

Metodologia

O presente trabalho utiliza como *corpus* de análise eventos reais de língua falada selecionados do banco de dados do Museu de Cultura Sertaneja (MCS), do *campus* Avançado “Profa. Maria Eliza Albuquerque Maia” (CAMEAM), que está localizado na cidade de Pau dos Ferros/RN. O material refere-se à uma entrevista realizada por professores e contribuintes do museu com um senhor de 85 anos (que será identificado com as iniciais R.B.L) e sua esposa de 83 anos (identificada as iniciais A.B.C), ambos residentes do sítio Merejo, zona rural da cidade de Doutor Severiano/RN.

Com o objetivo de analisar o fenômeno da variação linguística na fala desses indivíduos, apoderamo-nos da transcrição da entrevista (que teve duração de 40 minutos), realizada pela diretora executiva do MCS e participante do Projeto 00000000 Antônia Gerlania Viana Medeiros, contendo um volume textual de 22 páginas, *corpus* suficiente para análise considerando os propósitos da Sociolinguística Variacionista.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, por buscar o aprofundamento da compreensão das características da fala de um grupo social, relacionando-as com os fenômenos da variação linguística, especificamente com indicadores geográficos, sociais, culturais e de gênero.

O trabalho adota como fundamentação teórica conceitos e postulados da Sociolinguística, mais especificamente a partir dos estudos de Bagno (2007; 2008), defendendo a heterogeneidade da língua, nos levando a refletir sobre a importância dessas variedades para a nossa sociedade e possibilitando promover um debate sobre o preconceito linguístico que ainda é corriqueiro em nosso meio; nas argumentações de Coelho et al. (2005), abordando a ideia de que a língua não é uma estrutura pronta e acabada, uma vez que está sempre em processo de mudança e variação, sendo influenciada pelas forças que agem dentro e fora da língua; e, sobretudo, nas categorias adotadas por Bortoni-Ricardo (2005), partindo dos contínuos de urbanização e de monitoramento estilístico.

Síntese teórica

No presente tópico abordaremos sobre a teoria sociolinguística no que se refere ao fenômeno da variação e da mudança da língua e sua relação com contexto de uso nas comunidades sociais, bem como mostramos as contribuições dessa área para o ensino. Nos seguintes itens evidenciaremos, assim, os condicionadores externos e internos da língua presentes nos níveis estruturais correlacionados nas variações linguísticas.

Os pesquisadores da área definem a Sociolinguística como uma disciplina científica que analisa a língua em seu desempenho real, levando em consideração a correlação entre a língua e as questões sociais e culturais. Desse modo, é de grande valia observar a língua nas suas dimensões diacrônica e sincrônica, pois, assim como não se separa a sincronia da diacronia, não podemos desassociar a língua da fala. Haja vista que é a partir dela que conseguimos expressar nossos sentimentos, manifestar os conhecimentos, nos impor diante de diversos assuntos e, sobretudo, nos incluir no meio social. Assim, a língua atua como o meio articulador entre o indivíduo e a sociedade na qual ele está inserido, uma vez que é por meio dela que o indivíduo e a sociedade se definem reciprocamente.

Baseado nos postulados de Coelho et al. (2015), observamos que a Sociolinguística parte do pressuposto de que a variação e a mudança são essenciais às línguas e que, por isso, devem a todo o momento serem levadas em consideração, sendo que um dos seus propósitos é compreender quais são os principais aspectos que motivam a variação linguística e qual a relevância de cada um desses aspectos caracterizando o quadro em que se mostra essa variável. A variação linguística, por sua vez, não pode ser vista como uma consequência do acaso, mas como um acontecimento cultural estimulado por princípios linguísticos e extralinguísticos.

Bagno (2007) afirma que, diferente da norma-padrão que se caracteriza enquanto homogênea, a língua, na visão da Sociolinguística, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e construção. No entanto, o autor ressalva que ainda é perceptível nos discursos da ciência e do senso comum uma grande divergência a respeito da língua. Para os cientistas da língua, toda manifestação linguística é considerável e correta, ou melhor, adequada no sentido de atender ao propósito comunicativo pretendido. Porém, na sociedade, ainda está impregnada uma noção totalmente ultrapassada que consiste na noção do erro, sendo resultante da influência dos primeiros gramáticos. Para os sociolinguistas, não existe erro na língua, uma vez que não importa a forma como se diz ou fala sobre determinado assunto, mas se o que diz é capaz de promover a interação humana.

Em seu livro sobre o *Preconceito Linguístico, o que é e como se faz*, Bagno (2008) apresenta algumas considerações sobre a noção do preconceito linguístico. Um dos princípios relevantes no combate a esse tipo de preconceito é o fato de que “todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua”. (BAGNO, 2008, p. 149).

Nesse sentido, o autor promove uma reflexão com o objetivo de desconstruir a ideia do erro, haja vista que não existe forma linguística “mais certa”, “mais errada”, “mais bonita” ou “mais feia” do que a outra. O que existe é uma dinamicidade na língua, que se justifica pela dinâmica da sociedade na qual os sujeitos estão inseridos. Desse modo, “não existe uma forma única de dizer as coisas, a Linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e tem uma lógica linguística perfeitamente demonstrável” (BAGNO, 2007, p. 73).

No mais, é de suma importância desconsiderar a noção de erro e tomar como justificativa o fenômeno linguístico, ressaltando que esse mesmo pode ser explicado a partir de teorias científicas. Com isso, a Sociolinguística, além de cooperar para a descrição de manifestações linguísticas, acaba oportunizando aos futuros professores um olhar menos preconceituoso e estimulando a valorização de todos os dialetos. Essa abordagem sociolinguística mostra que nada na língua acontece por acaso e permite, assim, subsídios para a área do ensino da língua.

4.1 Variação linguística e os condicionadores internos e externos

É a troca de comunicação, o modo individual de apoderar-se da fala, que distingue cada falante, sabendo que cada pessoa possui uma forma característica de falar, e essa diferença denominamos de variação linguística. Coelho et al. (2005) consideram os condicionadores que regulam quais os contextos mais propícios para o funcionamento das variantes, que estão ligados a fatores internos e externos a língua.

4.1.1 Os condicionadores internos

A variação linguística não é aleatória, ela é pautada e pode ser exposta a partir de parâmetros, que são capazes de serem explanados por seus condicionadores. Podemos dizer, segundo Coelho et al. (2005), que:

Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. [...] são também chamados de condicionadores linguísticos. Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc. (COELHO et al., 2005, p. 20)

Os condicionadores internos são os princípios que combinam a escolha do falante entre uma variante ou outra variante, eles operam como robustez inclusa na língua, agindo sobre as variáveis em diversos níveis, como o fonético-fonológico, o morfológico, o sintático e o discursivo.

Nas classes internas, os autores citados acima argumentam que há vários níveis gramaticais: o fonológico faz parte da execução linguística, em que os falantes provenientes escolhem aleatoriamente uma das técnicas fonológicas que satisfaçam o seu contexto; o morfológico, que se caracteriza como sendo a modificação que sucede num morfema da palavra, unidade mínima significativa; o sintático, que desempenha o papel que dispõe a palavra em execução dentro de uma oração; e o discursivo, que são fenômenos variáveis na proporção, textual/discursiva.

Diante do que foi abordado, podemos caracterizar que a língua varia em diferentes contextos, podendo assim diversificar de acordo com tempo e a língua vai se transformando conforme a sociedade se desenvolve e modifica suas necessidades comunicativas e interacionais.

4.1.2 Condicionadores externos

Compreender a relação entre as estruturas linguísticas e as estruturas sociais pode ser muito útil não apenas para entender o processamento da variação linguística no sistema da língua e seus fatores condicionantes, mas sobretudo para valorizar a diversidade e abolir o preconceito linguístico que ainda é corriqueiro pelas classes dominantes, que desvaloriza alguns dialetos e exalta a língua culta.

Com base em Coelho et al. (2005, p. 20), os fatores que agem de fora para dentro, motivando a variação, “são também chamados de condicionadores extralinguísticos. Entre os condicionadores extralinguísticos de natureza social, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante” que são fundamentais para entendermos os processos de variação e mudança.

Desse modo, existe, assim, as variantes derivadas da influência de fatores extralinguísticos, que podem ser classificadas por: variação regional, também reconhecida por variação geográfica ou diatópica. É, sobretudo, a variação de uma determinada região que forma os conhecidos

regionalismos. São os traços fonéticos que estão impregnados no falar do indivíduo e que possibilita caracterizar uma região da outra.

Os fatores sociais também estão correlacionados às variações linguísticas. Assim acontece no que se refere ao grau de escolaridade, pois quanto maior o envolvimento do indivíduo com a cultura letrada, com a prática de leitura e escrita, mais alto será o seu grau de escolarização e mais próximo da norma culta ele estará.

No nível socioeconômico, as pessoas menos privilegiadas utilizam-se de variantes não padrão da língua, enquanto as mais privilegiadas se divergem por terem oportunidade de optarem pela variedade considerada padrão da língua. Há uma diferença, também, no que se refere ao gênero, pelo fato de homens e mulheres utilizarem-se das variantes de modo diferenciado. E na faixa etária, pois os adolescentes, geralmente, utilizam-se de outras formas linguísticas, mais precisamente de gírias e neologismo, distintas dos povos mais velhos, para se expressarem nas relações em sociedade.

Por todos esses aspectos, é importante refletir sobre os diversos fatores e deixar explícito que um falante, dependendo do contexto ao qual está inserido, pode utilizar-se de diferentes formas linguísticas. São os diferentes “papéis sociais” que desempenhamos em casa, na rua, na escola, com os amigos, autoridades, etc. que denominamos de variação estilística ou diafásica, conforme o aporte teórico aqui adotado. Então, será propriedade de cada falante apropriar-se de um registro formal ou informal da língua para se pronunciar diante dos diferentes contextos comunicativos.

Análise e discurso dos dados

Existe uma relação inerente entre a língua e a sociedade. A linguagem é uma das principais características que, além de nos diferenciar dos demais seres, nos consente a expressar emoções, conhecimentos, estabelecer relações, enfim, nos possibilita a interação com o outro. E é esse uso contínuo uma das atividades mais extraordinárias de nossas vidas. Deste modo, pelo fato da nossa língua ser composta de muitas variedades, já algum tempo, muitos estudiosos têm se debruçado sobre pesquisas científicas com o propósito de identificar, descrever e analisar os fenômenos da variação linguística.

Refletindo sobre as mais diversas regiões geográficas que se expandem em nosso território brasileiro e entendendo o nosso Português como língua heterogênea, que apresenta diversas variações, focamos nosso propósito de análise partindo da linguagem de sujeitos da zona rural, que possuem características das variedades menos prestigiadas na escala social. Os dados foram

avaliados de acordo com os níveis de variação: fonético-fonológica, morfossintática, semântica, lexical e estilístico-pragmática. Esses fenômenos acontecem porque a língua é algo vivo em uma progressiva mudança e pelo poder inovador do ser humano.

Observamos nos trechos a seguir que a heterogeneidade não se apresenta de modo aleatório, mas condicionada por fatores internos e externos em relação ao uso da língua como, por exemplo, ocorre no trecho proferido por dona Antônia e pelo senhor Raimundo:

(01)

Antônia: “O povo num quer mais trabalhá.”

Raimundo: “Porque nesse tempo era um pessoal que tudo trabalhava muito. Era gente acostumado (sic!). A gente já falava aquelas pessoas, aquelas mulé(sic!) que era acostumada a rapá a mandioca [faz gesto com as mãos do movimento de raspar], era as que a gente levava, né!?”

Examinamos que ocorrem traços descontínuos estigmatizados como a despalatização na palavra “mulher>mulé”. Sobre este caso, Coelho et al. (2015) postulam que ocorre a perda do traço palatal na articulação do fonema “h”, causado pela facilidade de articulação.

Outro ponto a ser destacado no evento de fala (01) em que o entrevistado profere: “aquelas mulé”, trata-se da eliminação do plural redundante marcado nos determinantes. A ausência da concordância é algo corriqueiro nas variedades linguísticas, inclusive nos falares menos monitorados de falantes urbanos escolarizados. De fato, essa ausência não ocorre de qualquer modo, mas de forma sistematizada.

Na fala do senhor Raimundo, ele utiliza a variante “mandioca”, terminologia usada no Centro-Oeste e em alguns estados do Norte, para referir-se à raiz utilizada na produção da farinha. Caracteriza-se, assim, como uma variação lexical. Deste modo, é necessário ressaltar que as diferenças na língua não estabelecem erro, mas são resultados das marcas deixadas pelos nossos antecessores. Para o termo “mandioca” podem ser empregadas outras diferentes variantes para indicar o mesmo alimento. Cada região do país emprega um título distinto, por exemplo, no Sul e no Sudeste do país, é mais popular como aipim e já no Nordeste, seu nome é macaxeira. No trecho a seguir, vemos também outro caso que reforça a variação lexical:

(2)

Raimundo: “Corta bem mas...mastigadazinha”

A variante “mastigadazinha” é característica regional, sendo muitas vezes uma forma simples de o sujeito se expressar. Refere-se a uma variável lexical que não faz parte do vernáculo brasileiro, mas que está presente nos falantes que fazem uso das variedades mais estigmatizadas e sem prestígio, é um traço fonético-fonológico da fala menos monitorada. Em algumas regiões, “mastigadazinha” é usado na fala para exprimir ideia de dizer que falou demais, explicou muito alguma coisa. Já em outras regiões diz respeito ao ato de triturar os alimentos com os dentes em pequenas partículas.

No trecho a seguir, pôde-se constatar outro ponto importante, no qual os fatores grau de escolaridade e faixa etária não influenciaram para a ocorrência do fenômeno linguístico de hipercorreção (supressão do /r/ no final das palavras, com em “arrancá”, “carregá”, “lavá”, “trazê”).

(03)

Raimundo: “Era treiz, quatro pá arrancá. Um pra carregá faz cinco, duas pá lavá aquela massa pra tirar a goma.” “Era uma pessoa envolvida o dia todinho com aquela água pá trazê...”

Examinamos nesse fragmento um alto índice de acontecimentos de variação, tanto do dialeto culto, quanto do dialeto popular. Essas variantes apontaram presenças, o que vem a admitir a enunciação da variação linguística que a língua falada possui. É mais comum o apagamento do /r/ em final de verbos que de nomes e outros pontos nos quais venham a surgir questões ligadas a verbos desconhecidos em terminações com o /r/ em final de palavra.

A supressão do /r/ nas palavras “arrancá”, “carregá”, “lavá”, “trazê” presentes no trecho (03), assim como em “trabalhá” e “rapá”, presentes anteriormente no trecho (01), trata-se, segundo Bagno (2007), de uma fonte motivadora dos falantes também de nível de escolaridade mais alta e de pessoas de classe alta. Para a Sociolinguística, esse fenômeno variável não é exclusivo só dos falantes rurais, não escolarizados, de classe baixa, mas também dos quais se colocam, sempre, na posição de usuários da língua “certa”.

Outra ocorrência no fragmento (03) é o processo de ditongação na palavra “treiz”, em que acontece um acréscimo do glide anterior, em contexto de sibilante (/s/ e /z/), assim como “mêis” e “nóis”, no trecho mais adiante (05), sendo também presente na fala de pessoas “cultas”.

Segundo Botoni-Ricardo (2004), a supressão do infinitivo está voltada ao uso comum entre os falantes de múltiplas variedades linguísticas e divergentes níveis de letramento. Dessa forma,

esse tipo de supressão pode ser apontado como um traço gradual na língua que é encontrado na fala de todo e qualquer brasileiro.

Na passagem dos entrevistados, em especial do seu Raimundo, percebemos grande quantidade do uso de “aí”, exercendo a função de sequenciador de discurso. Vejamos o trecho a seguir:

(04)

Raimundo: “...Aí tiveru que vim imhora, né!?”

Além de detectamos a presença do “aí” como sequenciador de discurso, pudemos destacar, também, a inserção do “né” como requisito de apoio discursivo na fala do indivíduo. Ambos os elementos são considerados fenômenos variáveis na dimensão discursiva, de acordo com as forças que agem internamente na língua, segundo Coelho et al. (2011). As forças que agem externamente sobre o falar do sertanejo são de natureza regional/geográfica, trata-se de uma expressão peculiar de uma determinada região, ou seja, a região nordeste.

(05)

Antônia: “Quando nós fizemo a casa de farinha, no primeiro ano que nois fumo fazê farinhada lá, eu passei um mês lá.

Na fala de Dona Antônia, quando ela é questionada se fazia parte das mulheres que trabalhavam na casa de farinha, ela responde que sim, que passou um mês trabalhando e fazendo farinha. Percebemos regras variáveis na fala da mulher sertaneja influenciadas por fatores extralinguísticos que dizem respeito, sobretudo, ao baixo nível de escolaridade, classe social e regional menos urbanizada.

Entre uma das diversas formas variáveis, destacamos a queda do /s/ no final das formas verbais de 1ª pessoa no plural (fizemo>fizemos), que está entre os traços graduais de um contínuo de variedades prestigiadas e estigmatizadas, relacionada também à fala rápida e informais menos monitoradas, que acaba caracterizando o falar de alguns brasileiros. E no que diz respeito à variação vista de dentro da língua, “fizemo” encontra-se no nível linguístico-fonológico por não alterar a sua significação e não haver abstração do som.

(06)

Raimundo: “aí tivero que vim imbora né!?”

Na fala de seu Raimundo nota-se a presença do traço descontínuo “tivero”, em que a variante sem nasalização final é explicada por Bagno (2007) como a mais recorrente. Tal fato se justifica por essa variante estar condicionada pelo baixo nível de escolaridade do informante, como também pela variação estilística que se manifesta por meio do contexto rural no qual está inserido, influenciando sua fala. Notamos mais uma presença de traços descontínuos no trecho a seguir:

(07)

Antônia: “Eu na cozinha fazendo o almoço do dia e ia me ajudar”

Neste momento caracterizamos “cozinha” como um vocábulo de variação fonológica, pelo fato de ocorrer alteração apenas na sua pronúncia sem modificar sua significação. Esse vocábulo é uma forma característica, também, das fases anteriores da língua e que podem ser situadas na literatura medieval e clássica.

Sobretudo, é possível afirmar que dona Antônia se encontra no *contínuum* rural-urbano mais próxima do polo rural, o qual se explica por meio das suas redes de relações sociais (Cf. BORTONI-RICARDO, 2005; 2014). Diante disso, concluímos que essas variações, expostas nessa análise, não devem ser vistas de forma preconceituosa. Como postula Bagno (2007), há mais coisas em comum do que diferenças na fala dos brasileiros, mesmo sendo de classes e níveis de escolaridades distintos. O que necessita é serem estudadas e refletidas tomando como base estudos e teóricos da Sociolinguística.

Considerações finais

O Brasil é um país heterogêneo que possui uma significativa diversidade no que diz respeito à cultura. E essa influência de vários costumes possibilitou à língua portuguesa marcas que proporcionaram grande relevância e riqueza ao nosso vocabulário.

Diante do estudo realizado, foi possível observar na fala dos informantes que a maior característica de suas variedades corresponde à variação semântica e lexical. Podemos dizer ainda que não há diferenças significativas na forma como os entrevistados, de sexos distintos, conduziam a sua interação verbal.

A questão do monitoramento também deve ser levada em consideração, pois diante da análise ficou evidente que o contexto influencia bastante os indivíduos. Isto é, pelo fato de saberem que estavam sendo monitorados, os informantes procuravam, em alguns momentos, planejar suas falas fazendo uso de variedades de prestígio. Em outras ocasiões, os mesmos deixavam transparecer variedades mais estigmatizadas, motivados por sua fala e as marcas que esses indivíduos carregam. Deste modo, no contínuo rural-urbano, ambos se localizam mais próximos do polo rural.

Outra evidência nesse estudo foi que a supressão do /r/ na palavra “arrancá” e a ditongação na palavra “treiz”, que não são traços linguísticos característicos apenas das comunidades rurais estigmatizadas. São traços graduais que também se apresentam no repertório dos falantes urbanos escolarizados em suas interações de fala/escrita, e que faz parte do vernáculo brasileiro.

Em suma, essa análise representa apenas um pouco do nosso Português Brasileiro. Faz-se necessário estudos nos quais se possa abranger as demais variedades que compõem nossa língua para que a mesma seja compreendida e valorizada.

Dessa forma, esperamos que o trabalho também permita alcançar o contexto de ensino, de forma que, com base nas reflexões aqui feitas, seja possível conscientizar os alunos sobre a heterogeneidade da língua e as mais diversas expressões culturais que compõem o falar de cada indivíduo. Dizemos isso porque sabemos que a escola ainda exerce forte papel no sentido de reforçar preconceitos ao abordar como “certa” apenas a gramática normativa, que, por sua vez, representa só mais uma desse mar de variedades que compõem o nosso português.

Referências

COELHO, I. L. et al. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é como se faz**. 50ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. /SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

Bortoni-Ricardo, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.